

**PIBID HISTÓRIA/UFRJ: REPENSANDO IDENTIDADE CULTURAL E
BRASILIDADE ATRAVÉS DE O XANGÔ DE BAKER STREET.**

FERNANDA GABRIELLY TERRA MOURA*

VÍTOR ALBERTO GONÇALVES CORREIA*

Introdução

No âmbito das discussões contemporâneas sobre relações culturais encontram-se os debates sobre currículo escolar. As leituras que refletem sobre o currículo nos colocam frente a questionamentos sobre a própria escola e sua atuação como ambiente onde os discursos de poder se fazem de forma silenciosa. Desse modo,

“Como prática discursiva o currículo produz um conjunto de condições para que as coisas nele ditas possam ser ditas como são ditas e por quem são ditas. Entender currículo na perspectiva da ordem do discurso permite apreendê-lo como um espaço de luta, de disputa pela palavra, vista como alvo do exercício de poder.”
(GABRIEL, 2008)

Portanto, existe no currículo uma produção que extrapola o domínio escolar. Encontra-se, assim, inserido em questionamentos mais amplos sobre as dinâmicas sociais e os entraves de seus diversos grupos, através de lutas por espaços de enunciação. Assim, o currículo evidencia quais saberes são legítimos e quais não o são, através de uma perspectiva de hegemonia do conhecimento.

Conforme Tomaz Tadeu da Silva:

“As narrativas contidas no currículo trazem embutidas noções sobre quais grupos sociais podem representar a si e aos outros e quais grupos sociais podem apenas ser representados ou até mesmo serem totalmente excluídos de qualquer representação. Elas, além disso, representam os diferentes grupos sociais de forma diferente: enquanto as formas de vida e a cultura de alguns grupos são valorizadas e instituídas como cânon, as de outros são desvalorizadas e proscritas.” (SILVA, 1995: 195)

Nesse contexto, é possível dialogar com os debates acerca da construção de ideia de nação, identidade cultural e nacionalidade. Em Stuart Hall, temos muito clara a identificação da “nação” como uma “comunidade imaginada”, de acordo com o pensamento de Benedict Anderson, ou seja, uma ideia, algo não orgânico, sendo as práticas dos indivíduos condicionadoras de sua identidade e de sua própria nação. Para o último, os elementos diferenciadores entre as nações residem nas maneiras distintas pelas quais elas são

* Graduanda em História no Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista PIBID/Capes, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Carmem Teresa Gabriel.

* Graduando em História no Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista PIBID/Capes, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Carmem Teresa Gabriel.

idealizadas. Entretanto, para a nação, a cunhagem de uma identidade não se faz de forma tão rápida quanto a individual, haja vista que necessita da ação de diversos indivíduos; aí que as tradições cumprem este papel, como mediadora da ação entre a história da nação e as práticas do homem e a comunidade/nação à qual ele pertence.

Para além da cultura nacional,

“Tradições que parecem ou alegam ser antigas são muitas vezes de origem bastante recente e algumas vezes são inventadas (...) Tradições inventadas significa um conjunto de práticas (...), de natureza ritual ou simbólica que buscam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, a qual, automaticamente, implica continuidade com o passado histórico adequado.”
(HOBBSBAWM e RANGER, apud. HALL, 1992)

A identidade nacional vale-se de um esforço pela unificação da identidade cultural de membros de determinada sociedade, embora esses se constituam como sujeitos distintos em termos de nível social, gênero e origem. Entretanto, não devemos pensar as culturas nacionais por um caráter homogêneo, trata-se na verdade de um *dispositivo discursivo* (HALL, 2006: 62) que pretende representar a diferença, comunidade ou identidade. Assim sendo, busca-se a expressão da cultura de um único povo. Todavia, as nações modernas são compostas por hibridismos culturais de maneira que diferentes formas de cultura coexistem e se relacionam entre si.

Desse modo:

“(...) o silenciamento de vozes no currículo, caracterizando-o como “monocultural” já seria um procedimento do controle interno dessa prática discursiva, uma forma de gestão das diferenças cuja restrição, interdição pelo próprio discurso é o reconhecimento de sua presença na luta pelo controle desse mesmo discurso.”
(GABRIEL, 2008)

Portanto, compreende-se que é necessário um processo de desconstrução dessa ideia de identidade nacional unificada, ao passo que esta impossibilita a construção de identidades alternativas, sendo assim, as narrativas do currículo podem ser entendidas como textos abertos “para contar histórias diferentes, plurais, múltiplas, histórias que se abram para produção de identidades e subjetividade contra-hegemônicas, de oposição” (SILVA, 1995, 206).

Nesse sentido, no âmbito do ensino de história, percebe-se a necessidade de que tais questões sejam trabalhadas no que diz respeito à construção da identidade nacional brasileira com alunos da educação básica, sabendo-se, porém, que esse assunto deve ser tratado com bastante cuidado de modo a não reafirmar concepções homogeneizadoras da ideia de nação.

Acredita-se, portanto, em um espaço de discussão aberto que permita a expressão de identidades diversificadas.

Levando em consideração essas necessidades, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência de História, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pensou em uma atividade para introduzir essas reflexões a alunos do Ensino Médio. Essa proposta, portanto, surgiu da ideia de trabalhar com os educandos noções que muitas vezes não ficam muito explícitas nas aulas regulares de História. Alguns pontos são identidade, nação/nacionalismo, tradição, entre outros. Evidentemente que esse trabalho não conseguiria esgotar totalmente os assuntos, mas sua principal intenção era ao menos começar um questionamento acerca dessa temática.

Realização da atividade

Esta parte do presente trabalho objetiva a exposição de uma das atividades que foram elaboradas pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da UFRJ/Capes, no Colégio Estadual Antônio Prado Junior, zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Tal programa visa à inserção dos bolsistas no ambiente escolar, proporcionando a estes um momento de prática docente não vinculado ao estágio obrigatório da prática de ensino, que diz respeito à área de licenciatura. O PIBID, trabalhando através da realização de oficinas de História, objetiva o ensino dessa disciplina abordando conteúdos ou temáticas de forma complementar as aulas regulares dos alunos. Essas ações são possíveis uma vez que uma professora do colégio exerce a função de supervisora do PIBID, fazendo a ‘ponte’ entre o colégio e a universidade.

A atividade em questão foi desenvolvida em um contexto específico, no âmbito de um evento ocorrido no colégio e intitulado “Semana do Século XIX”, tendo a apresentação de fragmentos de peças teatrais e musicais, montagem de painéis e exibições cinematográficas. Neste último nicho o PIBID valeu-se da exibição do filme *O Xangô de Baker Street* para desenvolver um trabalho em cima da ideia(s) de representação de Brasil e *brasilidade*. O cerne aqui era levar o aluno a refletir acerca da influência da cultura europeia sobre a elite brasileira, principalmente no que diz respeito à ideia de construção de identidade nacional e de brasilidade. Pensar com eles a noção de identidade como processo histórico e fluido.

A exibição do filme foi feita com 31 alunos do 2º ano do turno da tarde, durante o evento acima referido, de modo que o PIBID se relacionasse com outras esferas da vida cotidiana do colégio, em diálogo com outros membros do corpo docente, num sentido de trabalho interdisciplinar e complementar. Contou-se com a presença de alunos interessados voluntariamente em participar da atividade, trabalhando assim, com um número mais reduzido de alunos.

O cineclube foi dividido em duas etapas, tendo seu início com a exibição do filme. *O Xangô de Baker Street* retrata a vinda do detetive Sherlock Holmes para resolver um caso de assassinatos em série em fins do século XIX. Antes da projeção do mesmo, foi apresentada a palavra-pista *identidade* para alunos, de forma que essa pudesse acompanhá-los enquanto o assistiam e o analisavam. Nesse momento a tarefa era relacionar a palavra lançada para eles e elementos apresentados na película. Vale ressaltar que todos os bolsistas o assistiram previamente e por isso estavam preparados para conduzir a atividade e eventuais dúvidas que os discentes do colégio tivessem. Ao final desse momento, por meio de um breve diálogo entre os bolsistas e os discentes, algumas questões foram levantadas para que a atividade fosse retomada na etapa seguinte.

O segundo momento dessa atividade ocorreu uma semana depois que o primeiro, com os mesmo alunos que haviam comparecido à exibição do filme. Iniciou-se, portanto, com o resgate da palavra *identidade*, fundamental para a conexão entre as duas etapas e que conduziria toda a discussão proposta pelos estagiários. Posteriormente foi exibido o vídeo com uma performance sobre o Brasil na cerimônia de encerramento das Olimpíadas Londres 2012¹. A partir disso e do resgate da palavra-pista, desenrolou-se uma discussão sobre o ideário de identidade nacional e a noção de *brasilidade*. Pediu-se que os alunos dissessem palavras que eles usariam para descrever o que, para eles, é ser brasileiro; todas foram escritas no quadro branco e conseqüentemente desenvolveu-se uma discussão tentando relacioná-las aos recursos audiovisuais apresentados anteriormente, bem como com a própria vida dos discentes, através do questionamento “Vocês se identificam com o que vocês acabaram de listar aqui (no quadro)?”.

¹ - A performance ocorrida em Londres em 2012, ao término das Olimpíadas, objetivava apresentar ao mundo a sede dos próximos Jogos, a serem realizados em 2016 na cidade do Rio de Janeiro.

Em seguida, os alunos foram divididos em grupos e distribuídas folhas de cartolina e canetas coloridas, pedindo-lhes que produzissem algum registro artístico (desenho, poesia, charge, letra de música, entre outros) sobre o debate que havia acabado de ocorrer e como isso teria afetado sua noção sobre a *identidade brasileira*. Foi-lhes permitido realizar tal tarefa no tempo de 30 minutos, aproximadamente, e também que tirassem dúvidas e debatessem um pouco mais sobre essa questão com os bolsistas.

Finalizando a atividade, foi pedido que os educandos expusessem seus trabalhos para o resto do grupo de alunos e também os integrantes do PIBID. Era necessário não só a descrição do que eles haviam produzido como também a construção e exposição de alguma reflexão própria do grupo sobre toda a discussão desenvolvida ao longo desse trabalho. Durante cada apresentação era possível, na verdade instigado por parte dos bolsistas, que os outros discentes debatessem o que seus colegas haviam construído como produto final de suas considerações sobre o tema em questão. A interação entre todos os envolvidos e a disposição de participação nessa atividade eram fundamentais que a mesma fosse realizada de maneira satisfatória.

Como fechamento dessa ação, foram entregues questionários avaliativos para que os alunos pudessem dar sua opinião sobre vários pontos do cineclubes, assim como sobre a atuação dos bolsistas. Desse modo, as avaliações foram devolvidas com críticas e sugestões para o projeto PIBID História/UFRJ.

Reflexões sobre a teoria e a prática

Dentro do trabalho do PIBID de História da UFRJ buscamos um diálogo maior com questões relativas à memória da instituição escolar, dessa feita, buscamos caracterizar, de alguma forma aquele ambiente, identificá-lo, em suas qualidades, problemáticas e, até mesmo, contradições. Esse exercício de compreensão sobre a instituição faz-se pensar naqueles que a compõe, os alunos, e como estes enxergam sua inserção na mesma, bem como aquilo que os une, o “nacionalismo”.

Em nossos estudos para a preparação da atividade estivemos em contato com os escritos do jamaicano Stuart Hall a propósito da identidade cultural do sujeito, do inglês Eric Hobsbawm enquanto pensador das tradições e dos nacionalismos, além do brasileiro Tomaz Tadeu da Silva que discute a temática de identidade dentro das disputas de currículo escolar;

Sendo a cultura nacional (entendida como aquilo que une os habitantes de determinada nação) composta de símbolos e representações, que influenciam e organizam nossas ações, a oficina tentou buscar na fala dos alunos elementos que os mesmos reconhecessem como identificadores da *brasilidade*, e ainda mais, se os mesmos se reconheciam pelos mesmos. Por aí podemos correlacionar a identidade nacional com o a cultura nacional, sendo esta “também uma estrutura de poder cultural” (HALL, 2006). A lapidação de um ideário de nacionalidade é muito mais recente do que aquilo que o aluno tende a imaginar, surgindo apenas no séc. XIX, período que fora trabalhado com os mesmos previamente à atividade.

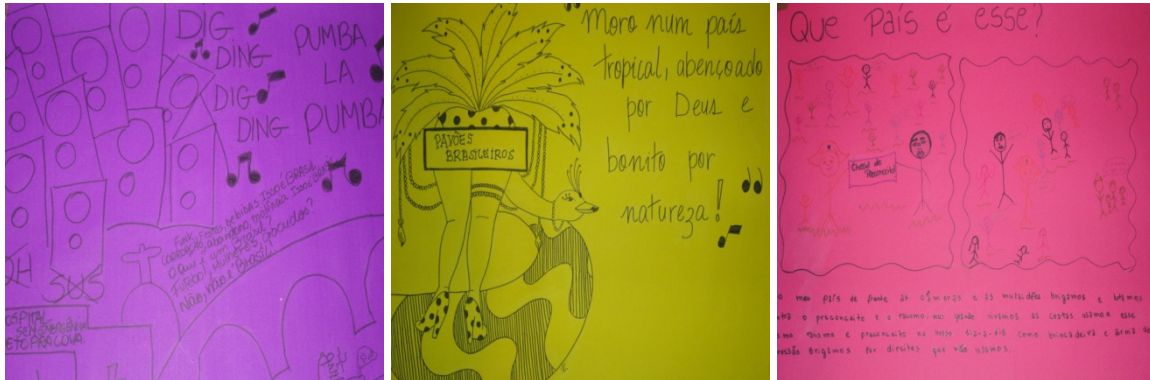
A partir dessa discussão a oficina foi pensada para proporcionar um espaço de problematização do conceito de nação/identidade nacional, aplicado à ideia de *brasilidade*, a ser trabalhado com os alunos. Tomando como partida o filme, o objetivo principal era desconstruir o imaginário acerca de tal conceito afim de que os discentes pudessem percebê-lo como processo fluido e heterogêneo. A produção cinematográfica nos auxiliou na medida em que retrata o período de fins do século XIX no Brasil, ainda no período imperial e serviu como objeto de debate para a temática em questão uma vez que apresenta a construção de um olhar sobre a ideia de *brasilidade*.

Quando os alunos foram incitados a apresentar palavras que eles entendiam como identificadoras de uma ideia de *Brasil* surgiram, por exemplo, “bunda”, “malandragem”, “preconceito”, entre outros; ao mesmo tempo, noções como “diversidade”, “alegria”, “batalhador” também apareceram. A contraposição de noções presentes nesse momento da atividade, acerca de um mesmo tema, mostra o quão amplas podem ser as interpretações que são abarcadas por esse conceito.

Como se pode ver nos exemplos abaixo, alguns elementos hegemônicos da concepção de identidade cultural brasileira se repetiram mesmo após a problematização através da atividade, comprovando o quão arraigados certos elementos estão nos imaginário destes alunos.

O que se observou nesta atividade foi a busca pela desconstrução destes clichês e preconceitos que, embora muitos desses alunos não se identificassem com essas construções, acabaram por reproduzi-los. Evidentemente através de uma atividade de dois dias não é possível modificar algo que está consolidado, também, através do currículo; a atividade, se

deu, finalmente, para permitir que os discentes entrassem em contato com discussões mais aprofundadas sobre identidade individual e coletiva.



BIBLIOGRAFIA

DRUMMOND, Maurício. **Nações em jogo: Esporte e propaganda em Vargas e Perón**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

FOULCAUT, Michel. **Microfísica do poder**. 25ª ed. São Paulo: Graal, 2012.

GABRIEL, Carmem Teresa. **E se os currículos fossem multiculturalmente orientados?** Anais da ENDIPE. Caxambu, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBSBAWN, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

SILVA, Tomaz Tadeu. Currículo e Identidade Social: Territórios Contestados. In: SILVA (org.) **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 1995.

FILMOGRAFIA

O XANGÔ DE BAKER STREET. Miguel Faria Jr., 2001. 124min. son. color. 35mm.